

Molhar os pés na enxurrada

Fragmentos de uma clínica do sonhar não sonhado

Avelino Ferreira Machado Neto,¹ Brasília

Resumo: Este trabalho surgiu de uma imagem aparentemente banal – molhar os pés na água da rua após a chuva – para explorar de forma clínico-poética os estados iniciais de contato com o inconsciente no setting analítico. Com base em uma vinheta clínica, o autor articula experiências que ainda não simbolizadas, dialogando com autores como W. R. Bion e Thomas Ogden. Defende a escuta analítica como espaço de presença afetiva, capaz de sustentar o que ainda não foi pensado, sonhado ou dito. Ao final, propõe que a análise, por vezes, começa nos fragmentos menores, aqueles que escorrem, sem anúncio, pelas bordas da linguagem.

Palavras-chave: clínica psicanalítica, inconsciente, sonho, simbolização, escuta analítica

Há uma estranheza calma na água que escorre pelas ruas depois da chuva. Ela não tem a força de um rio, tampouco a violência de uma enchente. É uma corrente menor, improvisada, quase silenciosa, mas que carrega restos – folhas, poeira, pequenas lembranças daquilo que veio antes. Molhar os pés, exige pouco. E, ainda assim, há algo de ritual nesse gesto breve. É como um início sem anúncio, um contato que antecede a travessia.

Na clínica, algo semelhante ocorre nos momentos iniciais de contato com o inconsciente. Não é o grande mergulho nem o desabamento do sujeito. É um toque, uma aproximação, às vezes, acidental. Um instante em que algo escapa da estrutura do discurso e se derrama, não raro, por entre pausas, sensações corporais ou lembranças aparentemente banais.

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

Há momentos na clínica que têm exatamente esse sabor: algo pequeno se apresenta, um gesto, uma fala sem ênfase, uma imagem fora de lugar, e ali começa a se formar uma corrente. É uma pequena enxurrada, quase invisível, mas que move. Foi assim, numa sessão recente, com uma paciente que vinha falando sobre um tema corriqueiro: o tempo. Ou melhor, sobre “perder tempo”.

– Eu devia estar fazendo outra coisa agora, né?

Disse, sorrindo, como quem tenta desarmar uma culpa.

– Lembro que, quando chovia, minha mãe me proibia de sair de casa. Mas eu adorava molhar o pé na água da rua. Só pra ver até onde a água ia escorrer.

Ela não insistiu na imagem. Voltou ao tema do tempo, falou do trabalho, dos prazos. Mas enquanto ela falava, senti um calor estranho nos meus próprios pés, como se a imagem tivesse se fixado em mim, não como lembrança minha, mas como algo que me pedia escuta. Era uma imagem viva. Havia um movimento inaugural, um contato afetivo que ainda não havia sido nomeado.

Àquela altura, eu não sabia o que representava. Mas, com o tempo, aprendi a respeitar essas pequenas correntes. É nelas que, muitas vezes, o inconsciente começa a escorrer pelas frestas do que parece trivial.

É fácil não perceber essas águas, não anunciam profundidade nem urgência. Mas quando se aprende a habitá-las – a não afastar logo os pés – percebe-se que carregam resíduos de algo que ainda não pôde ser simbolizado. O sujeito traz à sessão pedaços de sua experiência que escapam ao discurso. Ele não os enuncia como demanda, mas os vive na presença do analista: imagens flutuantes, ritmos afetivos, pausas significativas, que muitas vezes atravessam o corpo do analista antes de ganharem qualquer nome.

Nesses momentos, penso em Bion. Em sua ideia de que, antes de virar pensamento, o conteúdo psíquico existe como “coisa-sensação”, o que chama de elementos-beta, matérias brutas da experiência emocional, ainda não processadas. O paciente, nesses estados, não narra, ele projeta, encena, transborda. E é o analista quem, se puder tolerar

o contato com o informe, realiza a função alfa de conter, metabolizar, sustentar até que algo comece a se tornar pensável.

Thomas Ogden (2005), por sua vez, vai além: fala de estados que ainda não foram sequer sonhados. Experiências precoces, primitivas, não registradas simbolicamente – e que pedem ao analista que sonhe “com” o paciente e “por” ele, até que ele possa fazê-lo por si. Nesse contexto, o analista não apenas interpreta, mas vive, sofre e se deixa afetar. Sua escuta é também um corpo que sonha.

Foi isso que senti naquele instante em que ela falava da água, meu corpo reagiu antes da minha mente. Um calor nos pés, uma leve suspensão da respiração. Só depois reconheci que algo havia escorrido dela para mim. Um fragmento de infância? Um afeto não simbolizado? Um tempo que não podia ser perdido, mas também não podia ser vivido?

Não saber é parte da tarefa. E é justamente por isso que a escuta psicanalítica exige não apenas técnica, mas presença. Uma presença que sustenta a dúvida, o silêncio e, às vezes, o desamparo. Porque é nesse espaço – entre o que não se sabe e o que ainda não se pode dizer – que o inconsciente se move.

O retorno do que escorre

A lembrança da paciente – aquela breve cena de infância em que ela molhava os pés na enxurrada – não retornou logo. Ao longo das sessões seguintes, o tema do tempo voltou muitas vezes, quase sempre envolto em culpa e produtividade: “perdido”, “desperdiçado”, “sem utilidade”. Havia algo que parecia querer se manter fora da experiência direta: o tempo vivido como fluxo, corpo e contato com o mundo.

Foi apenas algumas semanas depois, num momento de silêncio prolongado, que notei um gesto. Sentada na poltrona, ela cruzava e descruzava os pés, como se tocasse um chão invisível. Seus olhos estavam baixos. Disse apenas: “Tenho sentido um calor estranho nos pés ultimamente. Às vezes, parece que vou explodir pela sola”.

Não mencionou a água. Mas eu pensei nela imediatamente. A enxurrada havia voltado – não mais como lembrança, mas como sensação.

Como se aquilo que antes era imagem começasse a transbordar por outro canal. Uma comunicação corporal, pré-verbal, atravessando o espaço analítico.

Fiquei em silêncio. Não porque não houvesse o que dizer, mas porque intuí que a escuta ali pedia outro tipo de presença – uma escuta porosa, que se deixasse afetar antes de nomear. Senti meus próprios pés no chão, a temperatura do consultório, o tempo desacelerando. Era como se algo estivesse se formando naquele espaço entre nós, algo ainda sem contorno, mas pulsando.

Às vezes, não é preciso que a imagem retorne tal como veio. Ela se desloca, muda de forma, encontra novas vias. A água da rua escorre por caminhos que não controlamos – ela segue a gravidade dos afetos, as frestas da memória, os desníveis da linguagem. E o analista, se conseguir não bloquear o fluxo, pode servir de leito provisório para que algo do inconsciente se mova.

Escutar o que ainda não tem nome

Há, nesse tipo de experiência clínica, uma exigência silenciosa feita ao analista: a de suportar o informe. De sustentar o não dito sem apressar seu fechamento. De não preencher, prematuramente, o espaço que o inconsciente ainda está moldando.

A escuta, nessa perspectiva, não visa restaurar um sentido perdido, mas permitir que algo do sujeito se articule a partir da fenda. A análise, então, seria menos um processo de completude e mais uma travessia do vazio – um molhar-se no que escapa, não para capturar, mas para reconhecer que há, na própria perda, uma forma de presença.

Na escuta analítica esse ponto de falha – esse furo no saber –, não é um obstáculo, mas uma via. O analista não deve preenchê-lo, mas sustentar sua falta, fazendo do silêncio e do equívoco espaços férteis para que o sujeito se reencontre com seu desejo. Um desejo que, tal como a enxurrada, não se organiza em linha reta, mas serpenteia pelos desníveis do gozo e da linguagem.

Talvez Jacques Lacan (1966/1998) dissesse que, em meio a tudo isso, o que escorre também é o significante que falta. A imagem da enxurrada – fugidia, fluida, impossível de fixar – encarna o real que não se deixa simbolizar de imediato. A água que toca o corpo, mas não se prende ao discurso, seria, para ele, traço do impossível de dizer: aquilo que insiste, retorna, se repete, mas nunca se estabiliza em palavra plena.

Luiz Meyer (2010), com sua escuta atenta ao sensível e ao ético da clínica, convida-nos a considerar que, em certos momentos, o que se transmite na relação analítica não é exatamente um conteúdo, mas um traço de cena – uma marca da presença do outro que, mesmo sem narrativa, insiste como rastro afetivo. Naquele instante em que a paciente, sem mencionar a água, relata “um calor estranho nos pés”, algo da cena anterior se reinscreve no corpo, não como lembrança organizada, mas como fragmento vivo de uma experiência em busca de lugar. Para Meyer, é nesse ponto que a clínica se abre à dimensão do transsensível: o que passa de um corpo a outro como reverberação silenciosa, como efeito de uma cena primitiva que nunca cessou de insistir. O analista, nesse campo, torna-se coparticipante de uma dramaturgia que não se vê, mas se sente – uma partitura afetiva que exige escuta afinada ao não-sabido. Assim, molhar os pés na enxurrada é também caminhar sobre a cena da dor originária, não para explicá-la, mas para que ela encontre, na presença do outro, uma superfície na qual possa começar a se transformar.

Muitas vezes, o que chega à análise não está pronto para ser interpretado. Não há narrativa, nem defesa visível. Há apenas um fragmento – um gesto, uma temperatura, um som – que pede reconhecimento. Nesses momentos, o analista não é apenas um leitor de símbolos, mas um corpo em presença. Um corpo que se deixa atravessar por aquilo que o paciente ainda não pôde viver por inteiro.

O trabalho analítico, nesses momentos, não é o de decifrar, mas de acompanhar. Estar junto ao fluxo. Molhar os pés na água incerta do que começa a emergir.

Ogden (2005) chama isso de “experiências que ainda não foram sonhadas”: estados que não têm forma simbólica, mas que, no espaço

analítico, podem começar a se esboçar. Sonhar com o paciente – e por ele – é acolher essas margens. É oferecer ao que escorre uma superfície possível, mesmo que temporária, onde algo comece a existir.

O estar com...

Essa escuta que se deixa atravessar pelo informe encontra ressonância em múltiplas tradições psicanalíticas. Se Ogden nos convida a sonhar por e com o paciente, outros autores ampliam e aprofundam esse gesto de estar com.

Melanie Klein já intuía, desde cedo, que a vida psíquica se inaugura em estados de grande intensidade afetiva, nos quais o sujeito ainda não distingue bem o dentro e o fora. Em sua concepção da posição esquizoparanoide, o bebê se vê às voltas com angústias impensáveis, que são evacuadas via identificação projetiva – não apenas como defesa, mas como forma primitiva de comunicação. No setting, o analista pode receber essas partes do self como quem molha os pés numa água turva: sem saber exatamente o que vem, mas sentindo que algo do paciente tenta, desesperadamente, ser contido. “A identificação projetiva pode ser vista como uma tentativa de evadir a dor, mas também como um esforço de alcançar o objeto” (Klein, 1946/1991, p. 35).

Ao trazer a psicanálise para o solo brasileiro, Virginia Leone Bicudo deu especial atenção aos momentos em que o discurso ainda não se inscreve como palavra, mas como presença. Para ela, o analista precisa estar disponível para captar a linguagem do silêncio, dos gestos e das pausas, pois nelas “o inconsciente se manifesta com igual ou até maior intensidade do que nos discursos articulados” (Bicudo, 1980, p. 142). A escuta que se faz do corpo – pés que aquecem, respiração que suspende – pode ser, justamente, a via pela qual o inconsciente comunica antes da linguagem.

A proposta de Sandra Lorensen Schaffa é a constituição de uma clínica psicanalítica contemporânea como “um campo ético-estético, onde o tempo psíquico pode encontrar outra cadência e o sofrimento pode ganhar forma no corpo do outro que escuta” (Schaffa, 2018, p. 93). O que se aproxima da imagem da enxurrada: um fluxo sem mapa, que

pede ao analista uma escuta porosa, disposta a acolher a alteridade que irrompe como rastro sensível. O calor nos pés, nesse sentido, não é apenas reação física – é inscrição de um tempo partilhado, uma memória que se escreve entre dois corpos.

Barbara Davis reforça a noção de que o campo analítico é cocriado, e que o analista se torna parte viva da experiência emocional do paciente. Não se trata apenas de “escutar” o inconsciente, mas de estar imerso nele, como num sonho compartilhado. “A escuta clínica, nesses estados, é uma forma de viver com o outro aquilo que ainda não foi vivido por ele” (Davis, 1990, p. 57). Assim, molhar os pés na enxurrada é molhar-se na dor alheia, sem a defesa da neutralidade impermeável.

Esses autores propõem uma clínica menos orientada pela interpretação imediata e mais pela disponibilidade afetiva. Uma clínica que sustenta o informe, que se deixa afetar, que acolhe o que ainda não tem nome e que, por isso mesmo, pode vir a existir.

Conclusão aberta

Molhar os pés é um gesto pequeno, quase infantil. Mas o corpo se lembra. Há uma sabedoria silenciosa nesse contato breve com o que escorre, como se, naquele toque entre pele e água, algo da experiência pudesse, enfim, ser sentido.

Às vezes, a análise começa com um detalhe que passa despercebido: um calor nos pés, um gesto involuntário, uma imagem que não se fixa, mas se espalha. Nesse entremeio, um fluxo se forma entre corpo, tempo e presença, e algo da vida pode começar a brincar de existir.

O mais importante nos instantes de enxurrada não é saber o que ela significa, mas estar lá quando ela passa. Sentir a água, o frio, o desconforto e não recuar. A análise acontece entre o gesto que volta sem saber por que e o outro que aguenta ficar, mesmo sem saber para quê.

O gesto de molhar os pés na enxurrada seria, então, um *playing*, uma brincadeira séria feita entre o mundo interno e externo. A escuta do analista, se for segura, torna-se equivalente à mãe suficientemente boa, ela sustenta, não invade, não interpreta antes da hora nem exige sentido

imediatamente. D. W. Winnicott (1958/1982) nos lembra que o trauma não está apenas naquilo que aconteceu, mas na ausência de um outro que pudesse acompanhar a experiência. O que fere o bebê, diz ele, não é o desamparo em si, mas a queda do ambiente que deveria sustentá-lo. E o que repara, na clínica, é essa repetição diferente: um analista que não cai, que permanece mesmo quando tudo ainda está sem forma.

Esse autor talvez dissesse que esse espaço entre dois corpos – um que não sabe o que sente, e outro que se oferece para sentir junto – é precisamente o espaço potencial. Um território de jogo e de criação psíquica, no qual algo do self pode começar a existir pela primeira vez. A imagem da água nos pés, nesse sentido, não é apenas uma lembrança, é um gesto criativo, expressão de um verdadeiro self que, por um instante, ousa aparecer.

Sandor Ferenczi (1932/2011) afirma que o inconsciente não é apenas aquilo que precisa ser interpretado, mas também o que precisa ser sentido em companhia, então, o escutar é deixar que a experiência nos atravesse, sem defesa imediata. É tolerar o desconforto de estar junto ao que ainda não se pode viver sozinho. Aquele calor nos pés que senti, foi um momento de comunicação traumática, algo da paciente encontrava em mim um corpo disponível.

Em seus últimos escritos, ele intuiu que o trauma não chega como narrativa, ele se comunica pelo corpo, pelos silêncios, por aquilo que se vive, mas ainda não se sabe. Sua ideia nos convida a escutar não apenas com a mente interpretativa, mas com a parte em nós que também conhece o não nomeado. O analista, nesse modelo, não se protege do contato com o sofrimento, ele se expõe a ele para sustentar o informe.

Às vezes o trauma volta como um gesto incompleto. E, se o analista puder oferecer um solo firme – não rígido, mas confiável – permite que esse gesto se esboce outra vez. Sem pressa. Sem invasão. Como quem oferece uma superfície provisória em que a vida, ainda frágil, possa brincar de nascer de novo.

A análise não é um campo de descobertas, mas um lugar em que se reaprende a existir, no qual o que foi quebrado pode, pela primeira vez, ser sentido em companhia. Nela o sofrimento não precisa se esconder

atrás de palavras, e o self – nu, tímido, ainda por vir – pode tocar a água com o pé e, quem sabe, encontrar ali uma forma de permanecer.

E se Freud lesse este artigo? Talvez me escrevesse uma carta assim:

Viena, em algum ponto do sonho...

Ao autor de “Molhar os pés na enxurrada”,

Recebo com curiosidade e certa expectativa o manuscrito que me chega pelas mãos do impossível – esse correio do inconsciente que insiste em atravessar os tempos. Li seu texto como quem percorre a superfície turva de um lago: com cautela, mas sem querer evitá-lo. Deixei que as imagens, os vazamentos e as ressonâncias me atingissem. E não foram poucas.

A aproximação com o informe, com aquilo que resiste à inscrição, revela uma escuta afiada. O modo como o senhor deixa que a linguagem se embeba do não-dito – essa é a clínica que me inquietaria, mas que também me interessaria muito. Confesso: às vezes insisti demais em dar forma ao que talvez só pudesse ser tocado em sua ausência. A pulsão, como o senhor a intui, não se entrega facilmente às classificações. E talvez por isso mesmo mereça ser escutada com a mesma liberdade que um poeta escuta o mundo.

A sua escrita, por vezes, parece flertar com a vertigem – como se não temesse o desamparo que o inconsciente impõe. Essa coragem é necessária. Mas recomendo um cuidado: o informe é fecundo, sim, mas pode nos capturar. Recordo-me de que até mesmo os sonhos, tão plásticos e oníricos, exigem interpretação. Mesmo o mais caótico dos conteúdos inconscientes precisa de uma moldura simbólica, ainda que imperfeita. O analista, como bem disse certa vez, deve ser cego e surdo o suficiente para escutar. Mas não mudo.

Fico particularmente interessado na presença do corpo em sua narrativa – um corpo que escorre, que transpira, que molha os pés. Esse corpo, que outrora tentei domesticar com a teoria das pulsões, aqui retorna com força e intensidade. Talvez seja a hora de deixá-lo falar mais alto do que os conceitos.

Enfim, agradeço o mergulho. E, se posso lhe oferecer algo em troca, diria: escreva como quem sonha, mas revise como quem interpreta.

Muito cordialmente,

Freud

Fragmentos de una clínica del soñar no soñado

Resumen: Este trabajo surgió a partir de una imagen aparentemente banal – mojar los pies en el agua de la calle tras la lluvia – para explorar de forma clínico-poética los estados iniciales de contacto con el inconsciente en el encuadre analítico. Basado en una viñeta clínica, el autor articula experiencias aún no simbolizadas, dialogando con autores como W. R. Bion y Thomas Ogden. Defiende la escucha analítica como un espacio de presencia afectiva, capaz de sostener lo que aún no ha sido pensado, soñado o dicho. Al final, propone que el análisis, a veces, comienza en los fragmentos menores, aquellos que se escurren, sin aviso, por los bordes del lenguaje.

Palabras clave: clínica psicoanalítica, inconsciente, soñar, simbolización, escuta

Fragments of a Clinic of the Undreamed Dream

Abstract: This work emerged from an apparently banal image – getting one's feet wet in street water after the rain – to explore, in a clinical-poetic manner, the initial states of contact with the unconscious within the analytic setting. Based on a clinical vignette, the author articulates experiences that are not yet symbolized, engaging with authors such as W. R. Bion and Thomas Ogden. The paper advocates for analytic listening as a space of affective presence, capable of holding what has not yet been thought, dreamed, or spoken. In conclusion, it proposes that analysis sometimes begins in the smallest fragments – those that spill, unannounced, over the edges of language.

Keywords: psychoanalytic clinic, unconscious, dreaming, symbolization, listening

Referências

- Bicudo, V. L. (1980). Atitudes do analista: silêncio e interpretação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 14(1), 141-148.
- Bion, W. R. (1991). *Atenção e interpretação*. Imago.
- Davis, B. (1990). Sonhando o campo analítico. In E. Bott Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje* (Vol 2). Imago.
- Ferenczi, S. (2011). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Meyer, L. (2010). *O avesso do imaginário: clínica psicanalítica e os impasses do sensível*. Escuta.
- Ogden, T. H. (2005). *A matriz do sonhar: A clínica psicanalítica contemporânea*. Artmed.
- Schaffa, S. S. (2018). *Escuta, tempo e corpo: clínica psicanalítica e ética do sensível*. Zagodoni.
- Winnicott, D. W. (1982). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1958)

Avelino Ferreira Machado Neto
avelinofmneto@gmail.com